



CENTRO CULTURAL CARTOLA: TERRITÓRIO DO SAMBA
UM ESTUDO SOBRE A COMUNICAÇÃO LOCAL ATRAVÉS DAS DIFERENTES
MODALIDADES ARTÍSTICAS NO COTIDIANO DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL

GT1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação

Regina Glória Nunes Andrade

reginagna@terra.com.br

Rosangela Brandão Nunes

rbnx@hotmail.com

Edna Chernicharo

ednaamc@gmail.com

Um estudo sobre a comunicação local através das diferentes modalidades artísticas no cotidiano de jovens adolescentes integrantes das oficinas de jazz e violino à luz da teoria ator-rede. Trabalho a ser apresentado no **XII Congresso de La Asociación Latinoamericana de Investigadores de La Comunicación (ALAIC); GT 1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação; Eixo 2: Cotidiano**, por Rosangela Nunes (UERJ) e Edna Chernicharo (UERJ) integrantes do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob orientação da Profa. Dra. Regina Glória Andrade.

Brasil 2014

“Os fatos são sonoros, mas entre eles há um sussurro.

O que me impressiona são os sussurros.”

Clarice Lispector

Esse trabalho tem por finalidade apresentar um fragmento do estudo sobre as formas de existência que produzem efeitos no cotidiano de jovens adolescentes, integrantes das oficinas de Jazz e violino do Centro Cultural Cartola (CCC), domiciliados na comunidade da Mangueira e considerados em vulnerabilidade social. O exercício destas modalidades artísticas em uma região, onde as origens confundem-se com a própria história do samba na cidade do Rio de Janeiro, aponta para uma singularidade cuja relevância justifica-se por meio da escolha teórico metodológica. À margem da velocidade das informações no mundo global e outros mecanismos midiáticos, novas maneiras de comunicação são forjadas. Os grupos a serem estudados, apesar de toda influência, ainda que subutilizável, da informação e conhecimento, implicam-se com as artes musicais em uma relação que faz proliferar aspectos próprios de comunicação.

O CCC constrói, através de variadas ações, o resgate de um passado, proporcionando uma esfera de pertencimento que se reatualiza como lugares culturais em um território de ressignificação contínua acerca do valor do mundo do samba. Desta forma, pensar em diferentes modalidades artísticas, como jazz e violino, a partir de premissas culturais e sociais, nos remete a indagações sobre quais fundamentos a existência do Centro Cultural Cartola baseia-se para acolher outras práticas cujos efeitos promovam múltiplos agenciamentos naquela esfera contextual. Diante deste fato, nosso objetivo será o de descrever como os agentes da pesquisa constroem suas práticas cotidianas em uma dada institucionalização cultural e social.

Assim, trataremos de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, comprometida com os eventos cotidianos relativos à temática em foco na intenção de reduzir as desigualdades e melhorar a qualidade de vida coletiva. A delimitação temática nos remeterá a uma questão conceitual quanto às dificuldades provocadas por uma noção de campo como lugar ou espaço fisicamente determinado e, por conseguinte, às questões éticas que orientam a relação pesquisado e pesquisador, fazendo-se necessária uma reflexão acerca da pesquisa de campo em Psicologia social, buscando-se uma abordagem simétrica na qual nem o pólo “indivíduo” nem o pólo “sociedade” sejam a priori privilegiados.

Como base para a realização de nossos relatórios usaremos um diário de campo, funcionando como analisador da participação do pesquisador no processo, descrevendo as negociações, deslocamentos e transformações ocasionadas pelas ações dos múltiplos protagonismos. As práticas narrativas servirão como uma ferramenta para relatar nossas observações e conhecimentos produzidos localmente, sem, no entanto, sugerir conclusões. Como propósito não pretendemos explicar, mas descrever os que os atores fazem, estabelecendo relações, comparações, na produção de um conhecimento possível a partir da conexão entre pesquisado e pesquisador.

Inserido através da parceria estabelecida entre o CCC e o Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGPS), sob a direção e coordenação, respectivamente, da Presidente Sra. Nilcemar Nogueira e da Professora Doutora Regina Andrade (UERJ), este estudo integra-se ao projeto original “Construções de identidade cultural e autoestima com jovens da comunidade da Mangueira”, proposto pela Universidade em 2002, cujos desdobramentos, dentre outras atividades, incorporam os grupos de pesquisa formados por alunos do PPGPS em uma interlocução com a práxis da Psicologia Social.

As atividades de pesquisa realizadas no CCC, organização sem fins lucrativos, localizada no Complexo da Mangueira na cidade do Rio de Janeiro atendem a diferentes demandas sociais cujas incursões realizadas por outros alunos e pesquisadores da UERJ seguem a estratégia básica de contribuição, fundamentalmente, no sentido da manutenção e preservação da memória local, por intermédio da tradição do samba, da promoção da cultura brasileira e do desenvolvimento social, essencialmente, da população daquela comunidade. O legado deixado pelo patrono Angenor de Oliveira constitui a base do empreendimento, cuja obra poética e fonográfica desta personalidade mais conhecida pelos brasileiros como o sambista Cartola, tem imensa importância para a música popular deste país e reconhecimento mundial. Assim, esse aspecto cultural atravessa de maneira ordinária a realidade social dos moradores desta comunidade, bem como dos participantes das atividades ofertadas pelo CCC, materializando-se através das experiências do dia a dia destes indivíduos. Em sua fundação estão presentes intelectuais, artistas, produtores culturais e formadores de opinião que se uniram no ano de 2001 para promover o desenvolvimento sociocultural da comunidade da Mangueira, cuja consolidação objetivou proteger as tradições locais, através do samba e preservação da memória das manifestações culturais ocorridas ao longo dos anos neste território, assim como, favorecer ao processo de inclusão social e valorização dos jovens moradores em comunidades.

“Valorizar a cidadania, a liberdade, a participação na sociedade, a assistência social, o trabalho voluntário, o aprendizado musical e a cultura brasileira, são as metas do Centro Cultural Cartola, que tem como presidenta de honra a companheira de nosso mestre, a incansável Dona Zica, cuja história de luta e sucesso é de todos conhecida. O Centro



Cultural Cartola acredita na força da cultura brasileira, na vontade de crescer de nosso povo e na efetiva possibilidade da inclusão social. Dedicar-se, assim, à mais nobre das missões: transformar em realidade um ideal.” (CARTOLA, [201?])

Atualmente, o CCC tem como projetos as seguintes realizações e patrocínios: Educação Artística Orquestra de Violinos: (Patrocínio Petrobras); Projeto Ação Griô - Gerações: (Patrocínio Ministério Da Cultura), Projeto sócio desportivo Cartola Em Forma: (Patrocínio SUDERJ), Projetos de prevenção *Só A Alegria Vai Contagiar*. (Apoio Ministério da Saúde), Projeto de Educação Sexual e Cidadania: (Apoio Ministério da Saúde), Projeto Psicologia Social: Construções de Identidade Cultural e de Autoestima Programa de Pós-Graduação – (Curso de Mestrado e de Doutorado UERJ), entre outros.

Portanto, esta entidade torna-se um dispositivo de referências e práticas discursivas, ocupando um espaço que ultrapassa os limites do seu campo físico.

A base teórico-metodológica que fundamenta esta pesquisa busca um olhar voltado para as práticas cotidianas a envolver a ciência, a tecnologia e a sociedade. Toma como referência principal o cientista social e antropólogo Bruno Latour entre outros autores contemporâneos e afins, os quais fizeram incidir suas análises nas amarrações entre humanos e não humanos que, por sua vez, configuram um emaranhado de redes que fragmentam qualquer solidez em micro conexões ou desconexões, nos possibilitando não mais um pensamento em termos de unidade, mas a partir de um dinamismo processual de constantes associações (NOBRE & PEDRO, 2010).

A inclusão dos objetos ou não-humanos¹ como atores na proposta de Latour implica em um abandono do conceito de sociedade. O coletivo, ao contrário da sociedade, que é um artefato imposto pelo acordo modernista, refere-se às associações de humanos e não-humanos (LATOUR, 2001). Nesta sociologia das associações são considerados atores autênticos entidades que foram excluídas da existência coletiva por conta das explicações sociais que se caracterizaram por considerar como atores unicamente os humanos. O significado de ator para Latour não pode ser confundido com o sentido tradicional de “ator social” da sociologia. Para este autor, ator é tudo que age, deixa traço, produz efeito no mundo, podendo se referir a pessoas, instituições, coisas, objetos, máquinas, etc. (LATOUR, 2001).

Tomamos como referência a experiência sobre realidade social em Latour, através da Teoria Ator Rede (TAR), cuja concepção envolve a noção de coletivo onde sujeito e objeto se fabricam simultaneamente e crescem juntos. Sua contribuição teórica sistematiza os princípios e regras metodológicas subjacentes a uma forma de pensar a realidade que ao invés de interpretar o mundo a partir das grandes divisões, visa descrevê-lo levando em conta sua hibridização entre natureza e cultura. Assim, sujeito e objeto não existem em oposição ou separados, mas através de mediações, acontecimentos e transformações. “Sujeito” ou “objeto” são entidades que participam de um processo em ação que incidem e deixam rastros com sua participação. “Os atores não são fontes de ações, mas alvos não-

¹ Em sua etnografia da prática científica, Latour utiliza o termo não-humano para se referir aos materiais, equipamentos e artefatos de inscrição e armazenamento dos dados científicos, apontando que estes só podem ser pensados em suas relações com os humanos. Segundo a definição do autor, “esse conceito só significa alguma coisa na diferença entre o par “humano-não-humano” e a dicotomia sujeito-objeto. Associações de humanos e não-humanos aludem a um regime político diferente da guerra movida contra nós pela distinção entre sujeito e objeto. Um não-humano é, portanto, a versão de tempo de paz do objeto: aquilo que este pareceria se não estivesse metido na guerra para atalhar o devido processo político. O par humano-não-humano não constitui uma forma de “superar” a distinção sujeito-objeto, mas uma forma de ultrapassá-la completamente.” (LATOUR, 2001. p.352)

estáticos de muitas e diferentes agências que convergem sobre eles.” (LATOURE. Apud. CANAL, 2011)

Como pesquisadores, fundamentalmente, seguimos o trabalho de fabricação das ações, traçando a rede composta por humanos e não-humanos e percorrendo os caminhos através das cenas onde os atores colocam-se em ação. Desta maneira, o método escolhido envolve, em primeiro lugar, a observação participante, pressupondo ainda o contato direto com os sujeitos, com os grupos do recorte a ser trabalhado, e nossa participação nas atividades por eles realizadas, dirigindo toda a atenção para as estruturas sociais e o comportamento dos atores pesquisados. As entrevistas, recursos utilizados que visam complementar a análise interpretativa. A construção de um diário de campo, um dos operadores metodológicos, faz parte de um planejamento que permite uma dimensão de improviso, de manejo das situações e um envolvimento nas incessantes redefinições processuais.

Optamos, assim, antes de apresentar um esboço da estruturação deste trabalho, por situá-lo em seu contexto de origem, justificando dessa forma o percurso para o nascimento de um campo temático cujas especificidades só puderam emergir a partir de uma trajetória de reflexões epistemológicas e não unidimensional.

Nossa experiência na área clínica onde cada uma de nós desenvolveu um percurso próprio por mais de 15 anos na rede pública de saúde com menores infratores e usuários de drogas oriundos de territórios caracterizados pelo intenso risco social, reflete sobre os cuidados de uma prática clínica voltada para o acolhimento de jovens que revelavam sentimentos recorrentes da impotência e exclusão frente às demandas sociais. Assim, visando assegurar-lhes formas para agir que, existencialmente lhes proporcionasse uma saída ou uma resposta para

uma determinada problemática vivencial. Nossos argumentos partiam de premissas baseadas em uma essência individual a ser reestruturada.

Por força da natureza das situações que nos demandavam um interagir a partir de lugares onde eram produzidos e negociados novos sentidos, passamos de mediadores de um saber a observadores atentos e interventores participantes daquele problema. A desconstrução de uma prática terapêutica convencional, nos colocou no limiar das experiências com o campo científico, fundamento para início das reflexões acerca do presente trabalho de pesquisa. Desta maneira, o objetivo de proporcionar àqueles indivíduos não só um retorno à vida saudável, mas de promover campos de possibilidades em outras esferas de suas experiências foi realizado a partir de uma análise mais crítica referente aos saberes e aos processos de mútuos afetamentos que proporcionariam novos conhecimentos a partir do encontro entre terapeuta e cliente. Apesar de um coletivo marcado pela densidade de situações ligadas ao vício era necessário conhecer as singularidades para viabilizar nossas abordagens e, assim, nos tornarmos protagonistas de cuidados que favorecesse a retirada da condição de vitimização e conduzi-los a um processo no qual pudessem se reconhecerem como produtores e produzidos pelos acontecimentos. Não obstante o impacto das controvérsias causadas pelo enquadramento de nossas premissas, aceitamos o risco de tudo que nos perturbava em face do que dispúnhamos como ferramentas para o trabalho. Assim, nos tornamos não mais as únicas forças competentes para arguir e agir em prol de melhorias para aqueles que nos demandavam algo, mas também personagens em processo nas realidades que ali se configuravam continuamente. Este movimento a partir dos cenários que se formavam através de suas socialidades e materialidades (LAW & MOL, 1995) modifica nossa proposta para uma clínica que cinde conceitualmente com uma prática de pesquisa tradicional.

Abandonar a condição de agentes portadores de significados que transformariam a realidade de cada um daqueles indivíduos, através da expectativa de um trabalho terapêutico, era, portando, um processo de reflexão acerca dos alicerces epistemológicos que sustentariam os argumentos teóricos de nossas práticas e armadilhas metodológicas.

Guiados por esta vivência inicial, começamos o presente projeto de pesquisa, trabalhando através dos eixos temáticos juventude, vulnerabilidade e autonomia cujo percurso objetivava a compreensão dos aspectos relacionados a fatores sociais e econômicos como vetores principais na restrição da autonomia em jovens moradores de uma comunidade carente. Pretendíamos com isso contribuir no que tange às políticas públicas ligadas ao fator inclusão social. O binômio vulnerabilidade *versus* autonomia assumia, então, o centro em torno do qual se daria a discussão mais ampla sobre o campo temático. O diálogo interdisciplinar envolveria a psicanálise e a sociologia e as ferramentas proporcionariam encontros participativos de abordagens não diretivas. No entanto, tais conceitos constituíam pressupostos que inibiam os questionamentos que apontavam para outras versões do campo. Ora, como seguir em nossa análise sem questionar estratégias que dificultavam a entrada no campo temático? Fomos confrontados pelo fato de que os paradigmas metodológicos que instrumentalizavam nosso planejamento de pesquisa nos direcionava na construção de um conhecimento generalizável e estável, restringindo o campo de diálogo com os possíveis saberes em questão.

Abaixo, segue abordagem, retirada do diário de campo, para ilustrar parte do percurso desta pesquisa em ação.

“Nasci na Mangueira e me criei aqui, sabe?” Foi assim que M., integrante da oficina de jazz começou seu diálogo quando lhe perguntei sobre sua participação

na oficina. M, nascido há 14 anos, desfilava há 8 pela Mangueira e acrescentou: “O samba tá no sangue, eu não escolhi. Eu gosto, mas no jazz tenho a sensação de ser um artista. Eu, quando venho para cá, aprendo cada vez mais sobre o que o meu corpo pode fazer e me sinto livre, reconhecido. O professor sempre me incentivou, disse que tenho talento e o grupo é tudo de bom. Fazemos uma força!” M. continua o seu relato com um largo sorriso e complementa: “ Chova chuva ou canivete, não falto.” Ele é um dentre os 20 alunos que constantemente ensaiam nas tardes de terças e quintas feiras no CCC. Sua história de vida retrata um menino sem recursos financeiros, que adora futebol e ama a dança. Faz inglês e estuda no CIEP da comunidade, aliás instituição que intermedia a ida de alunos para o Centro cultural Cartola, ofertando vagas para as atividades pedagógicas e oficinas de modalidades artísticas.

Nos encontros, primeiramente, como observadoras e, posteriormente, como participantes das aulas, percebemos algo diferente que partia desde um contágio pessoal produzido pela harmonia e beleza das músicas adaptadas - sambas do Cartola e bossa nova por Sarah Vaughan com arranjos brasileiros - e, também, pelo grau de envolvimento nas responsabilidades e atribuições protagonizadas por cada um dos atores. Estávamos diante de jovens estudantes de ensino médio, universitários, trabalhadores, mães adolescentes, enfim, pessoas que dialogavam com a vida atravessados por outros campos e atuação.

“Cada aluno que chegava desejava ter um algo a cumprir. Alguns repetiam passos de dança, outros discutiam coreografias e outros poucos conversavam, mas todos aguardavam a chamada do professor para iniciar as atividades. Existia uma disciplina interessante, por vezes, incomum em grupos grandes e em um espaço de ampla dimensão que acolhia a execução cuidadosa de diferentes coreografias em um só tempo. Queriam fazer exatamente o solicitado, atendiam prontamente a qualquer demanda daquele que representava uma autoridade. E era realmente

assim. Apesar da diferença entre eles no sentido dos níveis de aprendizado, o mais curioso era como se estabelecia o processamento das atividades de dança, tal como uma combinação de rodas ou peças dentadas numa engrenagem cuja velocidade ia sendo estabelecida em acordo com o envolvimento de cada grupo que se formava por afinidade e experiência técnica. Os grupos mais adiantados ficavam à frente e aqueles que estavam aprendendo, seguiam cuidadosamente os primeiros. Estabelecia-se, naturalmente, uma hierarquia inteligível em sua composição e era desta forma que vislumbrava aquele cenário”. (Diário de campo dia 12/09/2013)

Não foi fácil nossa inserção no campo, talvez pela forma do acesso em desconexão com o esquema processual em andamento. Desconsiderávamos o grau de relação destes meninos com aquela atividade artística e, para conquistar alguma autonomia, entendemos que seria necessário um tipo de aproximação, após nossa apresentação como pesquisadoras. Embora muito receptivos, transparência também era uma característica do grupo e, logo, percebemos que abordá-los nos horários de ensaios exigiria um manejo especial. Era necessário estar com eles, vê-los dançar, dançarmos também e esperá-los se ambientarem à nossa presença e participação nas aulas. Só desta forma, compreendemos que, ao fazer parte da engrenagem, localizaríamos o momento de irmos ao encontro do grupo para uma prosa e, conseqüentemente, o seu inverso. Eles eram, literalmente, os protagonistas destas oficinas. Não considerar certos aspectos que os fazia viver aquela experiência nos fez vacilar nas cruas tentativas de abordagens, que, inicialmente, os deixavam angustiados tanto quanto a nós. Carecia de uma conexão. De maneira velada as circunstâncias nos introduziram na cena e revelaram os momentos mais propícios a um envolvimento por onde partiriam nossas abordagens. Colocamo-nos como coadjuvantes ativos, ou actantes, e pudemos extrair uma riqueza de informações verbais e, sobretudo, não

verbais. Entretanto, foi necessário seguir os atores até poder reconhecê-los, finalmente.

Tomando o trabalho de campo enquanto uma experiência humana, a questão da identificação no campo remeteu-nos ao que Berreman (Apud. GUIMARÃES, 1990. P. 125) considera como o primeiro desafio do pesquisador: o controle de impressões.

“Ao chegar ao campo, todo etnógrafo se vê imediatamente confrontado com a sua própria apresentação diante do grupo, que pretende aprender a conhecer. Só depois de tê-lo feito, poderá passar à sua confessada tarefa de procurar compreender e interpretar o modo de vida dessas pessoas. (...) Ambas tarefas, como toda interação social, envolvem controle e interpretação de impressões, nesse caso, impressões mutuamente manifestadas pelo etnógrafo e seus sujeitos. As impressões decorrem de um complexo de observações e inferências, construídas a partir do que os indivíduos fazem, assim como do que dizem, tanto em público, isto é, quando sabem que estão sendo observados, quanto privadamente, isto é, quando pensam que não estão sendo observados.”

É importante ressaltar que nestas indas e vindas às oficinas, fomos enxergando não somente uma oficina de jazz ou uma de violino, mas várias composições em torno de um mesmo eixo : a dança para uma e a música para outra. Assim, os micro-lugares subjacentes à ideia central de um lugar para aprender a dançar ou a tocar violino desdobravam-se em novas experiências, novos acasos, novos encontros, ora em espaços distintos, como o exemplo do ensaio na capela

ecumênica da UERJ, ora no mesmo espaço, mas nunca da mesma forma. Assim, oficinas comemorativas, oficinas de ensaio, oficinas para planejamento de aulas, oficinas de reflexão do trabalho realizado, oficina com a presença dos pais provocavam efeitos sobre nossa ação como pesquisadoras. Eram muitas em, aparentemente, uma.

A seguir, uma abordagem que exemplifica o perfil de um dos adolescentes frequentadores da oficina de jazz em um dia de ensaio. O trecho ocorreu em meio a um evento grandioso e nos intervalos das apresentações:

F., 18 anos, moradora da comunidade do Jacarezinho, em um ensaio para a comemoração da UPP pacificadora da Rocinha, me relata sobre seus anseios pessoais: “Eu tô pretendendo fazer faculdade de direito porque eu gosto muito dessa área e de ler sobre essas coisas, então, eu pretendo fazer essa faculdade e, como ainda não consegui cursar, hoje mesmo, já fiz uma entrevista no INEP do jovem aprendiz, enquanto eu não consigo fazer minha faculdade de direito “. Quando lhe indago sobre a questão dos recursos financeiros, F. me diz : “Pesa, pesa sim, porque eu acho que educação hj não tá barata, não é uma coisa que seja barata e se eu quero cursar uma faculdade pública que é algo muito difícil, por ela ser muito concorrida, então, eu tenho que tentar o máximo possível. A educação é uma coisa muito cara e não tem como eu pegar e fazer uma faculdade tão cara, então, pesa bastante não poder pagar. Eu gosto de ler muito e isso ajuda muito não só na minha fala, mas na minha forma de organizar as coisas.” E, continua: “minha mãe sempre chegava em casa com uma revista ou livro novo e ela já sabia que eu gostava de ler e me alimentou muito fazendo isso. Sempre que ela me pergunta o que eu quero ganhar de presente, eu falo, mãe quer me deixar feliz? Me dá um livro de presente [...]” Quando questionada sobre a questão da dança, F. complementa: “Eu sempre quis dançar desde de criança, só que nunca tive oportunidade por causa de dinheiro. As escolas de jazz são caras, então,

quando eu fui para o CIEP em 2011 eu descobri que tinha, ali, no CCC, jazz e que era de graça, então, eu fui e, primeiro, eu comecei a me encantar pelo lugar, pelo o espaço. É bom para dançar, é grande, bonito, e consegui me sair bem não só na dança como também na escola, então lá é como se fosse uma segunda família, nos damos muito bem e adoro estar dançando e, depois, comecei a me enturmar com as pessoas. Eu acho que o ambiente dá uma recepção positiva, só a recepção acaba te acolhendo.....me proporcionou boas experiências.” F. estabelecia desse modo uma relação onde parecia querer mostrar suas potencialidades, bem como um certo compromisso em dizer a verdade. Afinal, aquilo soava como uma entrevista.

Por que não esperávamos encontrar adolescentes tão articulados com aquela experiência, através do viés do prazer, assim como, jovens engajados e cheios de expectativas? Imaginávamos que a situação socioeconômica prevalecesse em seus discursos como justificativa para suas atividades na vida. Nossa forma de pensar nos colocava em uma posição de estranhamento acerca de certos acontecimentos que se revelavam e não poderiam ser desconsiderados na construção de um conhecimento.

Aceitar nos deixar ser afetadas por experiências e imprevistos seria uma forma de nos permitir elaborar um certo nível de conhecimento ofuscado por nossas próprias restrições inerentes ao risco de rompimento das nossas verdades e na produção de algo e, desta forma, quem sabe poder diagnosticar um “presente” através das diferentes versões performadas a partir dos elementos detectados naquele campo? Qual a melhor fotografia que, ao revelar-se, nos aproximaria daquela realidade cênica?

Os agentes da pesquisa² considerados vulneráveis socialmente, com baixa autoestima, destituídos de possibilidades de escolhas e paralisados pelo estigma social não estavam lá para nos recepcionar de maneira a poder transformá-los em nosso objeto de estudo. Quem eram aqueles jovens e como se associavam ao estilo jazzístico em um ambiente culturalmente perpassado pelas tradições do samba? Talvez seja essa uma forma dentre tantas de perguntar algo ao campo e, portanto, contribuirmos para uma abordagem interessante e livre das asserções sobre as quais vínhamos alicerçando a tarefa de pesquisa.

Quais seriam as ideias, as experiências e as práticas cotidianas destes meninos cujo interesse recaía sobre uma outra forma de realização artística que não as relacionadas ao estilo de dança brasileiro presente em suas realidades?

Quais processualidades envolvem essa marca indelével trazida pela herança do samba naquele território que conduz com seus efeitos às especificidades das práticas cotidianas daqueles indivíduos?

Talvez, este trabalho nos permita dar voz a actantes³ múltiplos que se entrelaçam, se imbricam fazendo com que jovens adolescentes nascidos em um determinado ambiente e demarcados por certas condições ajam por caminhos diferentes das práticas já institucionalizadas, gerando outras conexões a tecer novas redes.

Firmar, portanto, a compreensão de que o sujeito se constitui a partir das heterogeneidades das práticas e que estas anunciam desdobramentos cujos muitos atores teremos que seguir no intuito de abarcar as diferenças, as surpresas, o manejar das abordagens e, principalmente, nos permitir aceitar estar

² Utilizamos essa expressão, ao invés de “atores sociais”, para nos referir aos sujeitos da pesquisa no sentido de não confundir-lo com a noção de “ator” da Teoria Ator-Rede, que não se restringe aos humanos.

³ “O actante é quem realiza ou o que realiza o ato.” (GREIMAS, 1990)

com e no campo temático constituirá nossa única certeza neste processo de construção de um conhecimento não suscetível a generalizações. Para Peter Spink (2008. P.72.), a noção de micro-lugares é um duplo desafio: primeiro de aprender a prestar atenção a nossa cotidianidade, reconhecendo que é nela que são reproduzidos e negociados os sentidos e, segundo, de aprender a fazer isso como parte ordinária do próprio cotidiano, não como um pesquisador participante e muito menos como um observador distante, mas simplesmente como parte. Se o primeiro já é difícil, o segundo desafio requer a disposição de repensar muito daquilo que é presumido como central à “boa pesquisa científica.”

Assim, novos personagens que circundam e proliferam neste campo-tema passaram a integrar este estudo. Pais, mães, arte-educadores ou professores das ‘oficinas de fazer arte’, o corpo administrativo institucional, colegas do mestrado, pessoas conectadas ao mundo da música e da arte, materiais de leitura, fotos, músicas, o ambiente, as histórias pessoais, as tradições, conversas com jovens de outras comunidades, as festividades locais e tantos outros micro-lugares conectados mais ou menos densamente com este universo temático.

“[...] algumas conversas acontecem em filas de ônibus, no balcão da padaria, nos corredores das universidades; outras são mediadas por jornais, revistas, rádio e televisão e outras por meio de achados, de documentos de arquivos e de artefatos, partes das conversas do tempo longo presentes nas histórias das ideias. Alguns até podem acontecer com hora marcada, com blocos de anotações, os gravadores, o ônibus, a padaria, a universidade, os jornais, o rádio, os documentos, os achados e artefatos são, como materialidades, também partes das conversas. O social, para usar a teoria de actor–network, não é independente das

matérias e nem dependentes delas; ao contrário, o social é produzido por e simultaneamente produz “redes de materiais heterogêneos.” (LAW & HETHERINGTON, 2001. Apud. SPINK, 2003)

Em vista disso, o valioso benefício das incertezas e, principalmente, recalcitrâncias geradas nesta trajetória, natural àqueles que iniciam um processo de investigação no campo científico de bases estratégicas pré-estabelecidas, o marco definitivo para o questionamento dos esquemas traçados para os rumos da pesquisa. Recalcitrâncias que contribuíram não somente para um deslizamento do eixo-temático, como também na escolha de uma referência teórica capaz de conceber nossas inquietações, premissas e importar-se com aspectos considerados irrelevantes, segundo a ótica de uma prática científica tradicional, porém fundamentais porque inerentes à composição de um problema. Cabe salientar que Latour e Woolgar (1997), no exame das atividades cotidianas de um laboratório, permite-nos perceber como os gestos aparentemente mais insignificantes contribuem para a construção do social dos fatos, evidenciando o caráter idiossincrático, local, heterogêneo e contextual das práticas científicas.

Neste primeiro percurso do projeto de pesquisa que tem por objetivo final descrever da melhor forma possível sobre os modos de existência que produzem efeitos no cotidiano de jovens adolescentes integrantes das oficinas de jazz e violino em uma comunidade atravessada pela institucionalização cultural do samba, à margem da velocidade das informações no mundo global e outros mecanismos midiáticos, forjando novas maneiras de comunicação. Os grupos a serem trabalhados nesse estudo, apesar de toda influência, ainda que subutilizável, da informação e conhecimento, implicam-se com as artes musicais razão pela qual proliferaram aspectos próprios de comunicação. Para tal, escolhemos trabalhar à luz da Teoria ator-rede objetivando descrever a incursão



no campo temático e as implicações desta escolha, operando por caminhos que exigirão decisões políticas tanto durante quanto, posteriormente, à realização da mesma. Assim, nos será exigido intenso processo de trabalho de campo com presença constante junto à comunidade e ao CCC, cuja complexidade de pessoas e coisas que povoam as práticas as quais temos por objetivo conhecer e narrar exigirão decisões políticas e, assim, buscar ordenar os dados de forma a fazer uma boa construção a fim de torná-la interessante para aqueles irão lê-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, R. (2012). Vulnerabilidade cultural de jovens da comunidade da Mangueira. *In: Andrade, R., Macedo, C. Território Verde e Rosa: construções psicossociais no Centro Cultural Cartola*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud: Faperj.
- Canal, N. U. (2011) *Entre figurações e associações: As sociologias de Norbert Elias e Bruno Latour*. Acta Scientiarum. Human and social Sciences. P. 146.
- Cartola, Centro Cultural. (2014) *Apresentação*. Acesso em 02 de janeiro de 2014. Disponível em: <http://www.cartola.org.br>.
- Chernicharo, E. de A. M. (2010). *Cartola-Grafia: causa do Centro Cultural Cartola*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- Greimas, A. J. (1990) *As ciências Sociais: uma visão semiótica por Algirdas J. Greimas*. São Paulo: Cultrix.
- Guimarães, A. Z. (1990) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.
- Latour, B., & Woolgar, S. (1997) *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Vianna, A. R. (trad.) Rio de Janeiro: Relume Dumará. [1988]
- Latour, B. (2001). *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC.

Law, J. & Mol, A. (1995) *Notes on Materiality and Sociality*. The Sociological Review, v. 43.

Nobre, J. C. de A., PEDRO, R. M. L. R. (2010) Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. *Cadernos UniFOA*. Ano V (14). Volta Redonda.

Spink, P. K. (2008) *O pesquisador conversador no cotidiano*. Revista Psicologia & Sociedade. Nº20. Edição especial: 70-77, (p. 72).

Spink, P. K. (2003) Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. Revista *Psicologia & Sociedade*. 15 (2), Porto Alegre. Dezembro. Acesso em: 14 Fevereiro de 2014. [<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso.